

DENISE ROTHENBURG  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## “Caio do e-gov”

O secretário de Desburocratização Caio Paes de Andrade, nome cotado para a Petrobras, é sempre citado no governo como o criador do e-gov. E já tem no radar uma ideia que recebeu do deputado Júlio Lopes (PP-RJ), hoje na suplência. Criar a “bomba on-line”.

## Na bagagem

Lopes, que é suplente e exerceu o mandato de deputado até a semana passada, levou ao governo o projeto de monitoramento on-line de todas as bombas de combustível, nos 39.763 postos de abastecimento do Brasil. A ideia, que já havia sido discutida tanto com Adriano Pires quanto com o governo, consiste em registrar, cada vez que o cidadão abastece o carro, o total de litros e o valor pago.

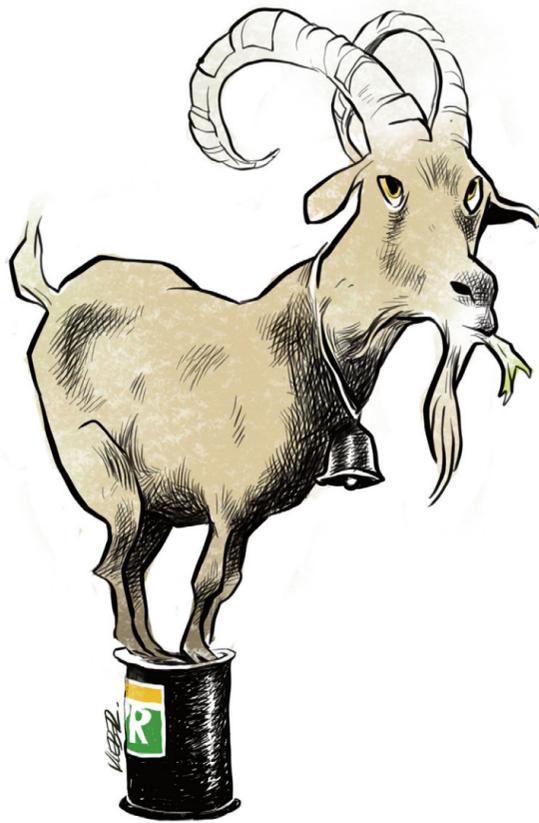
## Por que o PL cresceu?

O tamanho do partido de Jair Bolsonaro, com 76 deputados, e seus principais aliados, PP e Republicanos, é o maior sinal de que a classe política vê ali um “perfume de poder”. Ou seja, acredita piamente na recuperação do presidente.

## Retorno à clandestinidade

O ex-ministro José Dirceu tem sinal verde de Lula para as conversas que tem feito Brasil afora. A ordem é deixá-lo trabalhar sem que seja visto como algo feito oficialmente pelo partido.

# A volta do que não foi e o bode na sala



Deixado para escanteio nesse período pré-eleitoral, o ministro da Economia, Paulo Guedes, foi o que restou ao presidente Jair Bolsonaro para ajudar na busca de um novo presidente para a Petrobras. E, com Guedes, volta à cena a agenda que o ministro sempre defendeu, de privatização da empresa. Não por acaso, até o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), entrou nesse embalo. A privatização é o bode que entra para esconder o vaivém na troca de comando na petroleira.

Ao colocar a privatização em pauta, deixa-se de discutir o preço dos combustíveis, a confusão criada pelo presidente ao demitir o general Joaquim Silva e Luna, o problema causado pelas indicações de Adriano Pires e do presidente do Flamengo, Rodolfo Landim. Passa-se diretamente ao privatiza ou não privatiza. Vale lembrar que, em 2006, essa discussão ajudou na reeleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva contra Geraldo Alckmin. Naquela época, o PT acusava os tucanos de privatistas. A política deu voltas, mas a pauta continua a mesma.

## CURTIDAS

**Roteiro/** A reunião em que o PSB apresentará Geraldo Alckmin como o nome a vice de Lula, nesta sexta-feira, é o primeiro passo para o ex-presidente tentar convencer a ala do PT que não deseja a parceria com o ex-tucano. E se não colar, Geraldo será o vice assim mesmo.

**Vale lembrar/** Lula tem dito ao PT que sempre fez o que o partido quis. Agora, está na hora de o PT seguir o que ele deseja para ser o candidato.

Isac Nóbrega/PR



**Oráculo de Delphos/** O ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (foto), ganhou o apelido de “pitonisa do PP”. Há alguns meses, ele havia dito que o ex-juiz Sergio Moro iria “trair” o Podemos e iria para o União Brasil. E chegando lá, também haveria problemas.

**Por falar em Moro.../** O ex-juiz começou, em dezembro de 2021, como a maior aposta para enfrentar Lula e Bolsonaro. Agora, chega à segunda temporada em baixa, uma vez que seu partido não deseja sua candidatura. O União Brasil trabalha é para recuperar a parcela expressiva de deputados que deixaram a legenda em março. Hoje, a bancada fará uma reunião para discutir esse assunto e tentar tirar uma posição a respeito.

## ELEIÇÕES

# Lula faz defesa de Alckmin

Petista enfatiza aos setores do partido reticentes com ex-tucano que jamais foram inimigos e alerta para mudanças no país

» CRISTIANE NOBERTO

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reúne nesta sexta-feira para, possivelmente, sacramentar a presença do ex-governador Geraldo Alckmin como vice na chapa do petista ao Palácio do Planalto, em outubro. Para tentar quebrar as resistências que ainda existem ao ex-tucano, Lula tuitou, ontem, exortando a militância a não ficar presa a imagens do passado.

“Eu mudei, o Alckmin mudou e o Brasil mudou. Eu fui adversário do Alckmin, não inimigo. Feliz era o Brasil que tinha disputa entre dois partidos democráticos, porque existia debate civilizado, sobre programa de governo”, publicou.

Em entrevista à rádio Rede T, do Paraná, também ontem, Lula admitiu que os dois poderão estar na mesma chapa — que deverá ser oficializada somente em maio. “Vou ter uma reunião, na sexta-feira, em que o PSB vai propor ele, o Alckmin, de vice. E isso nós vamos levar para discutir no PT. Vamos reconstruir o Brasil porque somos dois democratas, gostamos da democracia e temos como prova o exercício dos nossos mandatos”, disse.

O ex-governador também vem defendendo a convergência de ideias. Na última sexta-feira, Alckmin tuitou que “é tempo de buscar convergências entre os que não admitem outra estrada que não a democracia para enfrentar os problemas do país, que são muitos e são inadiáveis”.

A presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), e o presidente do PSB, Carlos Siqueira, também participarão da reunião. O encontro, segundo fontes dos dois partidos, visa alinhar pontos ainda não ajustados,

especialmente os palanques regionais, para que a campanha conjunta comece.

## Ucrânia

Se Lula, por um lado, trabalha para acalmar petistas reticentes com a colocação de Alckmin como vice, por outro um comentário que fez indignou a mulher do ex-embaixador ucraniano no Brasil. Na semana passada, disse, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que a invasão russa do território da Ucrânia seria resolvida numa mesa de bar, entre cervejas.

Fabiana Tronenko reagiu irritada nas redes sociais. “Que desrespeito do ex-presidente Lula com o povo ucraniano e com todos os esforços do presidente Zelensky! Liberdade, democracia e vidas não se resolvem em uma mesa de bar”, publicou, na última segunda-feira, no Instagram.

Já no Facebook, Fabiana pediu que Lula não fizesse “esses comparativos pejorativos com o massacre que o povo ucraniano está sofrendo”. Na publicação, a ex-embaixatriz no Brasil lembrou a dor do povo e a destruição do país.

“(Isso) não se resolve em uma mesa de bar e muito menos depois de umas caixas de cerveja”, criticou Fabiana, casada com Rostyslav Tronenko, que esteve à frente da representação ucraniana no Brasil de 2012 a 2021.

Na Uerj, o petista disse que “por tudo o que eu compreendo, que eu leio e que eu escuto, seria resolvido aqui no Brasil em uma mesa tomando cerveja. Teria resolvido aqui, senão na primeira cerveja, na segunda. Se não desse na segunda, na terceira. Se não desse na terceira, até acabarem as garrafas a gente ia fazer um acordo de paz”.

Redes sociais/Alberto Carlos Almeida



Segundo Lula (de costas), Alckmin se une a um projeto democrata de reconstrução do país

## Centrão maior era esperado

Apesar do reforço obtido pelo presidente Jair Bolsonaro com a janela partidária, fechada na última sexta-feira, com o crescimento das bancadas do PL e do PP, os petistas afirmam que isso não é capaz de lhes tirar o sono. Isso porque, segundo eles, esse crescimento já era esperado.

Os números dos principais partidos que compõem o Centrão impressionam. O PL passou de 43 para 76 deputados, enquanto que o PP pulou de 42 para 52 parlamentares. Em contrapartida, o PT teve apenas o acréscimo de dois deputados — de 54 para 56.

De acordo com o deputado Paulo Teixeira (SP), não há surpresa, haja vista que o PT não tem histórico de agregar filiações

na janela partidária. Segundo ele, a maioria dos parlamentares migrou de olho em “instrumentos do governo”, como, por exemplo, o Orçamento secreto (RP9).

Para o deputado Leonardo Monteiro (MG), o aumento das bancadas do Centrão funciona bem dentro da Câmara, mas, fora, pode não ter o mesmo efeito favorável a Bolsonaro. Ele disse que a federação com PV e PCdoB, além das ligações com PSB, PSol e Rede, ajudará na campanha petista.

“A migração atual entre os partidos do Centrão só ajudará o atual presidente a terminar o mandato”, previu.

A deputada Fernanda Melchionna (PSol-RS) avalia que o movimento que engordou o

Centrão foi apenas de reagrupamento, e não de aumento de bancada. “Já era esperado, no começo da legislatura, que o Centrão tivesse entre 150 e 200 parlamentares. O que houve foi apenas uma dança de cadeiras. Quem é mais alinhado ao Bolsonaro, foi para o partido dele”, afirmou.

Se os representantes da oposição de esquerda desdenham dos números, os bolsonaristas fazem questão de emanar confiança. Ao ser questionada se a expansão do PL na Câmara ajuda a turbinar o projeto de reeleição do presidente, a ex-ministra da Secretaria de Governo e presidente do PL no Distrito Federal, Flávia Arruda, respondeu um animado “claro!” (CN)

## Maia: diálogo sem Moro

» LUANA PATRIOLINO

Recém-filiado ao PSDB, o ex-presidente da Câmara disse, ontem, que os representantes da terceira via têm que conversar entre si, porém sem incluir Sergio Moro (União Brasil). Segundo o ex-deputado, o ex-juiz da Operação Lava-Jato não tem uma agenda democrática.

“Ao Moro, eu, de fato, tenho muitas críticas. Acho que a agenda dele não é no campo democrático. Eles queriam acabar com o HC (habeas corpus), queriam aprovar a prova ilícita de boa fé”, disse Maia, em entrevista à CNN, ontem, lembrando das chamadas “Dez medidas contra a corrupção” — defendidas por Moro e pelo ex-procurador da Lava-Jato Deltan Dallagnol.

Maia considera que o diálogo entre os representantes da terceira via não deve ficar restrito àqueles partidos com perfil de centro-direita. Para ele, as conversas devem incluir, também, Ciro Gomes (PDT). O ex-deputado ainda defendeu o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

“(Lula) é um democrata. É um político que já governou e já provou respeito às instituições, não tenho dúvidas”, afirmou.

Moro, porém, não deve ser candidato à Presidência, conforme nota emitida pelo União Brasil, no último sábado — que desmentiu o ex-juiz, que, um dia antes, dissera que não tinha desistido de participar da corrida ao Palácio do Planalto. Segundo a legenda, o compromisso de Moro é com um projeto por São Paulo — possivelmente a disputa por uma vaga na Câmara dos Deputados.